

# Raízes e Evolução da Cavalaria

*Nilson Vieira Ferrreira de Mello\**

**Resumo:** Palestra proferida em 24 de setembro de 2002, no auditório do IGHMB, discorre sobre a origem e evolução da espécie eqüina e sua utilização nos primórdios da civilização, e sobre o surgimento da Cavalaria e sua evolução até os nossos dias.

**Palavras-chave:** Cavalo, Cavalaria, evolução.

## O CAVALO E SUAS ORIGENS

**D**esde quando o homem logrou domar os pôneis selvagens das estepes, o cavalo e seus assemelhados do gênero *equus* participaram intensamente das atividades humanas. Os ancestrais mais remotos desse colaborador do gênero humano em sua obra civilizadora surgiram no planeta – e no continente americano – há 50 ou 60 milhões de anos. Eram animais de pequeno porte, de talhe entre uma lebre e uma raposa, que possuíam quatro dedos nas patas dianteiras e três nas traseiras.

Esses pequenos mamíferos corriam livremente pelas pradarias cobertas de densa e úmida relva e, a despeito de conviverem com animais gigantes e de não possuírem meios poderosos de defesa,

conseguiram sobreviver graças à sua velocidade e agilidade.

Robustos e prolíferos, prosperaram em número e evoluíram para se adaptarem às mudanças radicais do meio ambiente ocorridas na sucessão das eras geológicas. Há cerca de um milhão de anos, atingiram aproximadamente a aparência que têm hoje: seu porte avantajou-se, os dedos das patas fundiram-se em um único, cuja unha formou o casco, e os dentes tornaram-se adequados à função de triturar.

Esse vigoroso quadrúpede, que fora capaz de suportar os mais rudes climas e as mais severas mudanças ecológicas, sobrevivendo mesmo diante de espécies maiores e dotadas de meios poderosos de agressão, espalhou-se pelo continente americano. No seu perambular em busca de pastagens, tomou o rumo norte, atingiu o estreito gelado de Bhering e derramou-se

\* Coronel de Cavalaria e Estado-Maior. Sócio honorário do IGHMB.

pelas vastidões asiáticas, de onde alcançou a Europa.

É curioso observar que, se não houvesse ocorrido essa migração, a história da civilização teria se desenvolvido segundo outro ritmo e, talvez, de maneira muito diferente. É que, por causas ainda não definitivamente esclarecidas, o cavalo foi extinto no seu *habitat* original durante a era glacial, antes mesmo do seu primeiro contato com o ser humano. Portanto, o homem não teria sequer conhecido esse prestimoso colaborador, não fosse aquela extraordinária migração.

O homem primitivo, caçador por instinto e necessidade, via o cavalo apenas como mais uma presa capaz de fornecer-lhe alimento. Foi somente no terceiro milênio a.C. que ele conseguiu domesticá-lo, não para o utilizar como meio de transporte – é curioso notar – mas como reserva alimentar, isto é, como provedor de leite e de carne. Nas longas travessias das vastidões asiáticas, os povos nômades tangiam manadas de éguas às quais alguns garranhões eram incorporados para garantir a perpetuação dos rebanhos, pois os machos da espécie eram deixados em liberdade devido à sua indocilidade.

Durante milhares de anos mais, montar a cavalo iria permanecer uma habilidade desconhecida.

## O CAVALO NOS PRIMÓRDIOS DA CIVILIZAÇÃO

O mais antigo registro histórico da utilização do gênero *equus* para outros fins que não o alimentar data de 1.500 anos a.C. Trata-se da figura de um carro, tirado por uma parilha de animais, pintada no estandarte da

cidade sumeriana de Ur. Portanto, o cavalo teria sido primeiramente empregado na guerra quando da invasão da Mesopotâmia por hordas nômades, provenientes da Ásia Central. Esse nobre animal, que viria a formar com o homem eficaz binômio de combate, surgiu no campo de batalha puxando carros, os quais eram pesadas viaturas de dois eixos e quatro rodas inteiriças, isto é, sem raios, destinadas a levar os guerreiros à distância da luta corpo a corpo.

Os egípcios, mais tarde, empregaram carros mais leves como uma plataforma para acercarem-se rapidamente do inimigo, atingi-lo com suas armas e retrocederem para suas linhas. Davam, portanto, ênfase à velocidade, colocando o eixo de suas viaturas de duas rodas bem para a retaguarda.

Já os hititas da Ásia Menor exploravam o poder de choque dos carros para romper o dispositivo do adversário e, para tanto, colocavam o eixo das suas viaturas, igualmente de duas rodas, bem no centro, a fim de aumentar-lhes a estabilidade.

Observa-se, assim, que desde aqueles recuados tempos, o emprego dos carros na guerra já oscilava entre o poder de choque, para esmagar o inimigo, e a velocidade, para surpreendê-lo.

O cavalo não é o único animal que tem sido empregado na guerra. A necessidade de dispor de grande força e resistência em atividades bélicas tem levado o homem a utilizar, antes da vulgarização do motor, elefantes, camelos, muares e até bois para deslocar e transportar cargas pesadas. Outras características e habilidades dos animais também têm sido exploradas em diversas ocasiões. Os cães, pelo seu faro e fidelidade,

são ótimos em atividades de guarda, assim como os gansos, que têm a seu crédito o episódio histórico do alarme que deram quando do ataque dos gauleses ao Capitólio, em 390 a.C. Os pombos-correio desempenharam um papel importante na transmissão de mensagens, quando não existiam ainda os meios eletroeletrônicos de comunicações. Em 1870, por exemplo, foram eles que garantiram a comunicação da Paris sitiada com o restante do Exército francês. Ainda recentemente, foram realizadas experiências para utilizar golfinhos em missões de guerra, aproveitando-se a inteligência e a capacidade que têm esses mamíferos aquáticos de serem adestrados.

## O SURGIMENTO DA CAVALARIA

É provável que o guerreiro montado, seja em plataforma tirada por animal, seja sobre o dorso do cavalo, do elefante ou do camelo tenha surgido como resposta à conveniência de se obter uma posição dominante no combate.

Essa categoria especial de combatente, a par da dominância, acabou por adquirir também mobilidade e potência de choque. Delineavam-se, assim, as características básicas que iriam determinar o aparecimento da cavalaria como arma.

O termo *cavalaria*, para designar essa estirpe especial de guerreiros, talvez não derive, como muitos supõem, do vocábulo *cavalo*. Alguns estudiosos são de opinião que ele vem de cava, espécie de lança longa com que se armavam os combatentes montados de outrora. Outros pesquisadores acham que cavalaria vem de *akva*, pa-

lavra sânscrita que designava as plataformas utilizadas pelos persas e macedônios para obter a dominância a que aludimos. Dario, no século IV a.C., e Alexandre, no século III da mesma era, empregaram largamente essas plataformas, assim como formações a cavalo, como instrumentos de combate capazes de assegurar-lhes as vantagens da dominância, da velocidade e da potência de choque.

Desde então, a história da cavalaria tem-se constituído numa longa série de adaptações às condições sempre mutáveis das guerras, como aliás também ocorre com as demais armas. Essa contínua evolução de meios e formas de emprego não resulta, porém, de mero esforço de sobrevivência. Ao contrário, é a permanência de determinadas necessidades operacionais, como cobertura e reconhecimento, e de determinados princípios de guerra, como segurança, manobra e economia de meios que tornam eterna a arma capaz de satisfazer àquelas e a estas.

Na Antigüidade, ocorreu o emprego de massas de combatentes montados, a princípio empiricamente, mas depois com razoável conhecimento das características e possibilidades dessas formações. Nas Guerras Púnicas (264 a 201 a.C.) podemos situar o surgimento da cavalaria como arma; nelas, os cavaleiros númidas, a serviço de Cartago, ofereceram exemplos de emprego judicioso desse tipo especial de combatentes, o mais brilhante dos quais ocorreu na batalha de Canae (216 A. C.). Aníbal, comandando 50 mil cartagineses contra 70 mil romanos de Varro, soube aproveitar magistralmente suas frações a cavalo, comandadas por

Asdrúbal e Maharbal, para envolver e aniquilar o inimigo, transformando a enorme desvantagem numérica em que se encontrava em arrasadora vitória. Findos os combates, os romanos tiveram 48 mil mortos e 13 mil prisioneiros, contra a perda de somente 6 mil cartagineses.

## A EVOLUÇÃO DA CAVALARIA

Na Idade Média, a arte militar definhou até recuperar-se, já no final desse período, com o aparecimento de novos engenhos bélicos e de novas organizações militares. Conquanto tenha sido uma época histórica de muitos conflitos, na qual o homem d'armas predominou, e tenham ocorrido alguns eventos bélicos de vulto, como as Cruzadas e a Guerra dos Cem Anos, a batalha nela perdeu a característica de entrelaço de massas organizadas, impulsionadas por um comando. As manobras, os esquemas táticos e o exercício da liderança não podiam prevalecer na série de duelos individuais em que se transformara a batalha, duelos estes nos quais os únicos requisitos eram a destreza e a bravura. A cavalaria tornou-se, então, pesada e couraçada, esquecendo-se da mobilidade e da flexibilidade. Contudo, manteve o predomínio no campo de batalha e elevado prestígio na sociedade feudal, do qual é exemplo a instituição da Cavalaria.

Um fato novo viria, afinal, tirar a cavalaria dessa despreocupada superioridade. Foi o aparecimento da bombarda, ancestral do canhão, na batalha de Crécy (1346), durante a Guerra dos Cem Anos. A perplexidade causada pela novidade, mais do que

a eficácia do tiro desse engenho rudimentar, contribuiu para a dizimação da cavalaria francesa diante da infantaria inglesa. Crécy foi o túmulo de 1.200 cavaleiros franceses, fato que abalou a galharda confiança dos nobres de armadura e penacho, que podiam ser derrubados de suas montadas pelo impacto de bolas de ferro, ficando à mercê do mais humilde besteiro.

Em face dessa estrondosa derrota, a reação da cavalaria francesa foi de apejar para combater. E assim vamos encontrá-la diante da cavalaria inglesa a cavalo, na batalha de Poitiers (1356), ainda na Guerra dos Cem Anos, julgando estar aproveitando a experiência dolorosamente colhida dez anos antes. O resultado foi nova e fragorosa derrota, que culminou com a captura do seu rei, João III, o Bom, pelo Príncipe de Gales, filho de Eduardo III, chamado de Príncipe Negro por causa da cor da armadura que usava.

Estava, assim, criada a primeira grande dúvida sobre o emprego de uma arma que, até então, movimentara-se desembaraçadamente no campo de batalha. Mas, a Guerra dos Cem Anos não terminaria sem presenciar o emprego adequado das formações de cavaleiros. Surpreendentemente, foi uma jovem camponesa da Lorena quem iria oferecer os exemplos de emprego correto do combatente montado. Joana D'Arc, exaltada pelo sentimento de predestinação para a tarefa de libertar a França da ocupação inglesa, mostrou que, se era temerário investir a cavalo contra um inimigo em posição favorável à defesa, era ainda mais insensato apejar diante de suas formações montadas.

Com o passar do tempo, aperfeiçoou-se o armamento e firmou-se a importância

do fogo no campo de batalha. Não obstante, alguns cavaleiros insistiam em apresentar-se nos combates em elegantes uniformes de gala e dispostos em rigorosas formações de parada. Julgavam a bala vil e traiçoeira, porque disparada por mãos covardes, que não ousavam enfrentar aqueles que feriam. Tendiam, assim, a desprezá-la; atitude que tornava as pesadas baixas impeditivas da vitória. Tal procedimento, conquanto bravo, logo iria determinar nova revisão no emprego da cavalaria.

Mais uma vez, a reação pecou pelo exagero. Impressionada com a crescente importância do fogo na guerra, a cavalaria jogou fora suas lanças e armou-se de pistolas. Os esquadrões, antes impetuosamente lançados ao entrevero, passaram a marchar para o inimigo executando uma bizarra manobra denominada *caracol*. Essa espécie de carrossel consistia em dispor-se os esquadrões em linhas sucessivas de sorte que, ao aproximar-se a primeira do adversário à distância de um tiro de pistola, os cavaleiros disparavam as suas armas e infletiam à esquerda e à direita, deixando o campo livre à segunda. O processo deveria prosseguir até obter-se suficiente desorganização do inimigo que permitisse o assalto final, a fio de espada. É óbvio que os disparos de pistola jamais atingiam o efeito desejado, ao passo que o longo desfilar diante do adversário ocasionava muito mais baixas do que a carga fulminante. E, pior ainda, essa forma de emprego representava o abandono da mobilidade e do espírito ofensivo da cavalaria, afinal recuperado na batalha de Rocroi (1643), durante a Guerra dos Trinta Anos. Nela, Condé, diante de uma situação deses-

peradora, lançou seus esquadrões sobre as alas e a retaguarda do inimigo, destroçando o escol da infantaria espanhola.

A partir de então, tendo se reencontrado com suas missões, a cavalaria manteve seu lugar na batalha, a despeito do fogo. Os comandantes afinal perceberam que, se explorassem convenientemente sua mobilidade, sua passagem pela zona dos fogos eficazes do inimigo era muito rápida, da ordem de dois a três minutos. E, quando ela entrava nessa zona, a ameaça que representava era de tal ordem que o inimigo preferia fugir a atirar.

Durante o último quartel do século XVII e todo o século XVIII, a cavalaria conservou integralmente sua mobilidade e aptidão para a manobra, mesmo a despeito do fogo. Este, aliás, não tinha grande profundidade no campo de batalha. Durante o período napoleônico, o alcance dos canhões era de 400m e o dos fuzis 200m. Todavia, ninguém negava mais sua importância no combate, ofensivo ou defensivo, e tanto carga como o assalto a arma branca dependiam do apoio de fogo para serem bem-sucedidos.

Mas, a crescente densidade do fogo no combate tornava cada vez mais onerosas as ações frontais, aumentando a importância das manobras de ala, em busca dos flancos e da retaguarda do inimigo. Esse novo conceito operacional contemplou a cavalaria com renovado destaque no campo de batalha. Napoleão soube explorar magistralmente as características manobreadas da arma do movimento. Constituiu grandes massas de cavalaria e empregou-as em missões de exploração e segurança, de forma a conhecer a localização e as possibilidades

do inimigo, e assim prover-se da liberdade necessária para tomar decisões. Durante a batalha, fixava o inimigo e o desgastava para, empregando a cavalaria, desbordá-lo ou envolvê-lo, obrigando-o a empenhar suas reservas. Ao primeiro sinal de desorganização do dispositivo do adversário, dirigia o esforço principal para o ponto de ruptura e culminava a batalha com profunda perseguição, lançando seus esquadrões no aproveitamento do êxito. Assim procedeu em muitas das batalhas que compõem a brilhante constelação das suas vitórias.

O grande gênio militar organizou sua cavalaria em três categorias. A primeira, considerada de elite porque voltada para as ações decisivas, era a cavalaria pesada, constituída pelos couraceiros. Havia, na *Grande Armée*, 14 regimentos desse tipo, cujos cavaleiros usavam meia armadura no peito e nas costas, capacete metálico e eram armados de espada e pistola. Montavam cavalos de grande porte, tanto franceses como prussianos e austríacos. Os regimentos de couraceiros eram enquadrados por divisões e constituíam a espinha dorsal das reservas dos exércitos do imperador. Seu emprego buscava a decisão pela ação de choque, isto é, pela carga. Esta era metodicamente executada, segundo preconizara Frederico, o Grande, para a cavalaria prussiana: o primeiro terço da distância entre os dispositivos amigo e inimigo devia ser percorrido ao trote, joelho com joelho; em seguida, os couraceiros punham seus cavalos ao galope controlado para preservar a formação e, em consequência, a ação de massa para, apenas nos 50 metros finais, passarem ao galope de carga, para aumenta-

rem o *momento*, vale dizer, o produto da massa pela velocidade.

A segunda categoria da cavalaria napoleônica – e a mais numerosa – era a constituída pelos dragões, capazes de combater tanto a cavalo como a pé. Recebiam, para isto, instrução de infantaria, até mesmo de combate a baioneta.

A terceira categoria era formada pelos hussardos e caçadores a cavalo, que trabalhavam em proveito de escalões de comando criados por Napoleão, os corpos-de-exército, provendo-lhes reconhecimento e segurança. A esta categoria juntaram-se, em 1809, os lanceiros, novamente adotados nos exércitos europeus após cerca de duzentos anos de ausência, desde quando, impressionada com a importância do fogo no combate, a cavalaria lançara fora as suas lanças. Os lanceiros, como os hussardos, tinham suas raízes na Europa Oriental, em particular na Polônia e na Hungria, e guardavam as tradições de presteza na ação e espírito de iniciativa dos cavaleiros das estepes. Eram empregados contra a infantaria em ações instantâneas, utilizando suas lanças longas com as quais atingiam os soldados a pé antes de serem por eles atingidos com suas baionetas.

Em todas as batalhas do grande curso, a cavalaria esteve presente e, em muitas, representou papel relevante, quando não decisivo. Em Marengo (1800), Kellerman, com seus 400 cavalarianos, lançou uma carga contra o flanco dos 6 mil austríacos de Zach, transformando em vitória uma quase derrota. Em Lena, a cavalaria tricolor cumpriu seu papel de vocação após a batalha, perseguindo tenazmente os prussianos e cobrindo, em

24 dias, 800km. Mas a mais brilhante ação da cavalaria de Napoleão ocorreu em Eylau (1807). Nessa batalha, a reserva do exército imperial, constituída de 10.700 cavalariairos, foi lançada sobre as linhas russas, cobrindo os 2.500m que a separavam do dispositivo inimigo na maior e mais decisiva carga que a história militar registra.

Colaboradora em tantas vitórias do imperador, a cavalaria acompanhou-o, também, na sua derrota final. Em Waterloo, a derrocada iniciou-se quando Ney, julgando Wellington em retirada, deslocou prematuramente a cavalaria sob seu comando, inclusive os regimentos da reserva do Exército francês, e lançou-a em desastrosa carga. O terreno desfavorável e o momento inoportuno obrigaram aquela massa enorme de cinco mil cavaleiros a marchar ao trote, joelho com joelho, tornando-a vulnerável ao fogo da infantaria inglesa.

Passada a fase áurea do emprego da cavalaria sob Napoleão, nova crise surgiria com o advento da arma raiada e do canhão de retrocarga. Esses aperfeiçoamentos do material, aumentando a rapidez e a precisão do tiro, iriam despertar nos cavalarianos exageradas preocupações com a segurança. Ao irromper a guerra franco-prussiana, em 1870, a cavalaria de ambos os contendores operava muito próxima da infantaria, quando não a reboque desta. Trocava, assim, a sua aptidão para manobrar nos amplos espaços pelo apoio aproximado das tropas a pé. Os alemães foram os primeiros a corrigir esse desvio de comportamento de uma arma essencialmente móvel e manobreira. O III Corpo germânico, em Metz, confrontava uma posição francesa de efetivo superior e vantagio-

samente instalada no terreno. Em face de uma situação que se tornava crítica, o comandante do Corpo, General Alvensleben, decidiu empregar a brigada de cavalaria Bredow. Essa grande unidade realizou um amplo movimento desbordante, a coberto das vistas do inimigo, e caiu de surpresa sobre a infantaria e a artilharia francesas, aniquilando-as com fulminante carga.

No continente americano, a cavalaria atuava, com liberdade e desembaraço, nos grandes espaços ainda pouco providos de vias de transporte. No Norte, participou das lutas pela emancipação das colônias inglesas que viriam a constituir os Estados Unidos, bem como da Guerra da Secessão, primeiro conflito travado em bases operacionais modernas. Contribuiu, também, na conquista do Oeste e na dominação – quando não na eliminação – de nações indígenas. No Canadá, através de um ramo policial paramilitar – a Real Polícia Montada – contribuiu largamente para garantir a ocupação civilizada de enormes territórios.

Na América do Sul participou, com Bolívar, das campanhas libertadoras, esteve com San Martín na épica travessia dos Andes e brilhou nas campanhas platinas. Na Guerra da Tríplice Aliança, o maior conflito jamais registrado no hemisfério austral, desempenhou papel de relevo sob as bandeiras dos quatro países envolvidos. Do lado brasileiro, cavalarianos de diferentes graus hierárquicos distinguiram-se pelo valor e pela bravura, desde Antônio João, simples tenente comandando 15 homens na remota colônia de Dourados, que derramou conscientemente o seu sangue como "protesto solene pela invasão do solo da (...) Pátria",

até experimentados chefes como Andrade Neves, o Barão do Triunfo, e Osório, Marechal do Exército, Barão, Visconde e Marquês do Herval, Patrono da Cavalaria brasileira.

No período entre as guerras de 1870/71 e de 1914/18, os exércitos de vários países empenharam-se em explorar as possibilidades bélicas dos novos materiais, produzidos pelo surto industrial da época. Não obstante, alguns chefes de cavalaria, embalados pelas glórias do passado, relutavam em admitir a necessidade de introduzir modificações na organização, equipamento e emprego da arma. Quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial, esses cavalarianos, apegados ao passado, saltaram agilmente a cavalo, pensando em reeditar as cargas que fizeram da cavalaria a arma da audácia e da decisão.

Outro, porém, era o campo de batalha em que teriam de atuar. Nele estrugiam as granadas e matraqueavam as metralhadoras, obrigando até mesmo a infantaria a mergulhar nas trincheiras, estendidas dos Vosges ao Mar do Norte. De um lado e do outro de um intrincado sistema de valas, fossos, túneis e redes de arame farpado, os exércitos oponentes mantinham-se estáticos, tendo de permeio a "terra de ninguém", permanentemente batida pelo fogo. Qualquer tentativa de romper essa imobilidade acarretava milhares de baixas ao imprudente.

Nesse cenário desolador, pouco havia a fazer uma arma móvel, de nítida vocação para a manobra. E eis a cavalaria combatendo como infantaria, cavando trincheiras, lançando granadas e batendo-se a baioneta. Para isso, foi sendo dotada de equipamento mais pesado e incorporando às suas uni-

dades frações de petrechos e de sapadores. Mas, nostálgica de suas verdadeiras missões, empenhava-se em patrulhas, alongava-se em reconhecimentos e lançava-se ao desconhecido sempre que se lhe apresentava oportunidade.

Logo, porém, iria surgir o engenho que revolucionaria a arte militar, devolvendo à cavalaria sua mobilidade e potência de choque. Na batalha de Cambrai (20 de novembro de 1917), o Corpo Blindado inglês lançou um ataque de 381 "tanques" às posições alemães, rompendo-as e provocando pânico entre os defensores. Estava, assim, criada a arma blindada, herdeira da cavalaria pesada das guerras napoleônicas.

No período entre as duas guerras mundiais, os cavalarianos iriam vacilar entre preservar a cavalaria dotada do cavalo, seu meio tradicional de conduzi-la ao combate, mecanizando-a apenas parcialmente, ou aderir sem reservas ao motor e à lagarta. Porém, alguns dos grandes teóricos da guerra prontamente perceberam as vantagens dos blindados e a inexistência de lugar, na batalha moderna, para tropas montadas. Contudo, ainda na Segunda Guerra Mundial ocorreu o emprego de formações hipomóveis na artilharia, no apoio logístico e até constituindo divisões de cavalaria, como aconteceu na Polônia e na União Soviética.

No Brasil, o processo de mecanização da cavalaria foi lento e sofrido. Não havendo perigo iminente de emprego da força terrestre em operações de vulto, nem vizinhos com os quais tivéssemos sério desencontro de interesses, e principalmente, diante da crônica carência de recursos atribuídos ao Exército, nós, os cavalarianos formados na tradi-

ção hípica, pudemos dar-nos o luxo de prolongar as delícias oferecidas pela pista de obstáculos e pelo campo de pólo por mais algum tempo. Todavia, alguns percebiam que o excessivo apego ao cavalo poderia conduzir a cavalaria a perder seu lugar na batalha, e foram esses pioneiros da motomecanização que, arrostando incompreensões e preconceitos, conseguiram manter a cavalaria brasileira na sua qualidade de arma combatente eficaz e necessária.

## A CAVALARIA ATUAL

O campo de batalha moderno não é mais exclusivamente terrestre. Hoje ele tem uma terceira dimensão que aumenta a sua complexidade e alarga os seus limites. Em consequência, a forma de atuação da força terrestre teve de evoluir: a histórica necessidade de cooperação entre a infantaria, a cavalaria e a artilharia, apoiadas por outras armas e serviços, transformou-se na integração de sistemas operacionais, constituindo *equipes de armas combinadas*, inclusive aeronaves. É a *batalha ar-terra*, novo conceito operacional que veio revolucionar o emprego da cavalaria, assim como dos demais ramos da força terrestre.

Até então, a diferença de velocidade entre a infantaria e a cavalaria indicava naturalmente as missões de uma e de outra. A maior velocidade da cavalaria, sua mobilidade tática e estratégica ofereciam ao comandante o instrumento próprio para ver o que se passava à distância, precisar as informações sobre o inimigo, garantir-lhe tempo para tomar sua decisão e economizar meios necessários à ação principal e, final-

mente, dar o golpe final graças à sua ação de choque. Esse sistema tradicional de guerra encontrou o zênite de sua aplicação durante as guerras napoleônicas.

Desde então, o contínuo desenvolvimento dos materiais e equipamentos alterou as relações entre os diferentes ramos dos exércitos. Nos primeiros meses da Primeira Guerra Mundial, a mobilidade das forças terrestres mostrou-se insuficiente para compensar o aumento do poder de fogo dos novos armamentos, como metralhadoras e canhões aperfeiçoados. O resultado foi a estagnação da frente ocidental. Isto levou os pesquisadores a procurarem meios de restaurar a guerra de movimento, encontrado afinal no "tanque", logo percebido pelos grandes estudiosos contemporâneos da guerra, entre eles J. F. C. Fuller e Liddel Hart, como substituto do cavalo.

Nos debates ocorridos entre as duas guerras mundiais, os mais perspicazes viram o emprego do carro-de-combate como substituto da cavalaria tradicional, atuando com autonomia nos grandes espaços nas missões de exploração e de perseguição, e em massa nas rupturas. Prevaleceu, porém, a opinião dos mais conservadores, que viam o "tanque" como um meio de apoio à infantaria. Essa posição foi a adotada pelos exércitos inglês e francês, mas não pelo alemão e pelo russo. Essa oposição de formas de emprego dos blindados persistiu até a Segunda Guerra Mundial, quando as formações *panzer*, colhendo retumbantes vitórias, levaram os aliados a empregar os blindados em organizações de combinação de armas, como a divisão blindada.

Após a Segunda Guerra Mundial, quando generalizou-se a motorização, diminuiu

sensivelmente a diferença de velocidade e de alcance entre a infantaria motorizada e a cavalaria blindada e mecanizada. A tropa capaz de desempenhar as missões tipicamente de cavalaria estava na dependência de um material que quebrasse o impasse. O helicóptero de combate tornou-se esse material, e a cavalaria fez-se aérea. Criou-se, então, a brigada de cavalaria aérea de combate e a brigada de infantaria aeromóvel, esta correspondendo aos antigos regimentos de dragões e aquela ao conceito de cavalaria pesada.

As unidades modernas de helicópteros operam, portanto, como as unidades de blindados na Segunda Guerra Mundial e de cavalaria no século XIX.

A organização proposta para uma divisão de cavalaria aérea do Exército norte-americano, em 1999, incluía, como unidades de manobra, 3 regimentos de helicópteros de ataque (cavalaria pesada), 1 regimento de cavalaria aérea (cavalaria ligeira), 1 brigada de infantaria de assalto (dragões) e um *regimento de aviões caça-bombardeiros*, dotado de aviões *Harrier* de decolagem e pouso na vertical (aeronaves VSTOL – *vertical/short takeoff and landing*).

No Exército norte-americano, o regimento é uma organização comparável à brigada brasileira, dotada de meios de combate, apoio ao combate e apoio administrativo, e o corpo de exército é a principal organização para conduzir a batalha ar-terra.

## CONCLUSÕES

O imenso desenvolvimento alcançado pela ciência e pela tecnologia resultou em alterações profundas na arte militar. Perma-

necem, porém, válidos os princípios de guerra e continuam a existir necessidades básicas para o exercício do comando. Assim, segurança, surpresa, economia de forças e manobra continuam sendo princípios na busca da vitória. Igualmente, informações precisas, cobertura e reserva potente e móvel seguem sendo necessidades sentidas pelos comandantes operacionais.

A validade desses princípios e a permanência dessas necessidades põem em evidência a atualidade da arma capaz de atender a ambos. Agora, como no passado, cabe à cavalaria abrir e encerrar a batalha e dela participar eficazmente. O que mudou foram os meios, os quais, em vez de restringir, aumentaram exponencialmente suas possibilidades, ressaltando suas características. Conquanto ainda na Segunda Guerra Mundial ocorresse o emprego de grandes massas de cavalaria hipomóvel, organizadas em grandes unidades, os blindados e, mais recentemente, as aeronaves, viriam a desempenhar, com idêntico brilho e maior eficácia, o papel antes cumprido pelas formações montadas.

E, se foi banido do campo de batalha o cavalo, nobre e fiel amigo de tantas e tão memoráveis campanhas, não desapareceu a cavalaria, rediviva nas hostes blindadas e aéreas, que restauraram seu poder de choque e aumentaram sua mobilidade e seu poder de fogo.

Disse alguém que o combate, sem a presença da cavalaria, torna-se algo bastante deselegante. Em nome da elegância, que inclui procedimento cavalheiresco e nobre mas não descarta a eficiência, é que nós, os cavalarianos de todos os tempos, afirmamos que *sempre haverá uma Cavalaria!*

